FICÇÃO E HISTÓRIA NA LITERATURA DE JÔ SOARES

FICTION ET HISTOIRE DANS LA LITTÉRATURE DE JÔ SOARES

Aulo Plácio Gontijo Neiva
Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
auloguanaes@gmail.com

Resumo: A proposta, nesse artigo, é tratar de um literato, Jô Soares, que, em seus romances, aborda, com humor, fatos históricos de maneira livre da preocupação com a verdade histórica que tem o historiador. A obra de Jô Soares enseja, portanto, a possibilidade de discutir a questão da relação entre história e literatura, considerando que a história também é uma narrativa literária, porém mantendo diferenças fundamentais com a obra de ficção. Além dos romances de Jô Soares, foram usados, para uma melhor fundamentação teórica, vários teóricos da história que discutem a questão da narratividade, entre os quais Luís Costa Lima, Paul Veyne, Sandra Jathay Pesavento, Hayden White e Peter Burke.

Palavras-chave: Jô Soares; história; ficção; narrativa; humor.

Resumé: La proposition, dans cet article, est de traiter de l'écrivain, Jô Soares, qui, dans ses romans, aborde les faits historiques avec humour de manière dégagée du souci de la vérité historique que l'historien doit avoir. L'œuvre de Jô Soares donne ainsi lieu à la possibilité d'aborder la question du rapport entre histoire et littérature, en considérant que l'histoire est aussi un récit littéraire, mais en conservant des différences fondamentales avec l'œuvre de fiction. En plus des romans de Jô Soares, pour une meilleure base théorique, plusieurs théoriciens historiques qui discutent la question de la narrativité ont été utilisés : Luís Costa Lima, Paul Veyne, Sandra Jathay Pesavento, Hayden White et Peter Burke.

Mots-clés: Jô Soares; histoire; fiction; récit; humour.

Considerações iniciais

Neste texto, tenho o objetivo de tratar dos livros de ficção do escritor, humorista, ator, dramaturgo e apresentador de *talk shows,* José Eugênio Soares, nascido em 1938, falecido recentemente, em agosto de 2022, famoso como Jô Soares. Busco analisar como o escritor tratou da história em sua obra ficcional em quatro livros, *O Xangô de Baker Street*, de 1995, e *O homem que matou Getúlio Vargas*, de 1998, *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (2005) e *As esganadas* (2011). Exceto *O homem que matou Getúlio Vargas*, todos são romances policiais com suspense humorístico; este trata a saga, narrada de maneira humorística, de um anarquista treinado para matar, tendo também suspense, porém

não é um romance policial. Desta forma, vou procurar abordá-los de acordo com o que foi proposto, mas tendo o cuidado devido para não cometer nenhum *spoiler*.

O que me chamou a atenção nas obras tratadas, além, é claro, do humor refinado, pois são romances muito bem escritos, foi a brincadeira que o autor fez com a História. Ele inseriu personagens reais, mas em situações fictícias, na trama de suas histórias. Assim, vemos no primeiro livro um Sherlock Holmes saindo de Londres, e aportando no Brasil, a pedido de Dom Pedro II por sugestão de Sarah Bernhardt (atriz que realmente esteve no Brasil várias vezes para suas atuações teatrais), a fim de investigar o sumiço de um violino *Stradivarius*, que o imperador dera de presente à baronesa Maria Luísa. Em busca de solução de um crime simples, ele acaba se envolvendo com o mistério de homicídios escabrosos no período final da monarquia brasileira.

Desenvolvimento

Em *O homem que matou Getúlio Vargas*, a começar pelo título, o leitor já sente a curiosidade de saber o que se trata; que trama Jô Soares está inventando, pois Getúlio não foi assassinado, ele se suicidou, saindo *"da vida para entrar na história"*, como escreveu em sua *Carta-Testamento*. Neste livro, acompanhamos a saga de Dimitri Borja Korozec (conhecido como Dimo), com formação anarquista, filho de um membro sérvio da seita *Poluskipszi* (Meio-Castrados), personagem que foi envolvido nos maiores atentados da história, durante toda a primeira metade do século XX, além de sua participação em outros episódios. Neste romance, utilizando farta iconografia, tanto desenhos que ele mesmo fez, como de outros e fotografias, aparecem então ilustrações de momentos históricos em que o assassino anarquista estava sempre presente. Um exemplo, foi quando Gavrilo Princip, membro da organização terrorista *Mão Negra*, que lutava contra a opressão que a Sérvia sofria do Império Austro-Húngaro, matou o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando. Isto aborreceu Dimitri, porque ele que queria tê-lo matado. Jô Soares, situando onde estava Dimitri no momento deste episódio, reproduz a famosa ilustração do *Le Petit Journal Ilustré* do carro onde passava por Sarajevo o arquiduque quando levou os tiros que o mataram; porém, Jô Soares acrescenta na legenda da ilustração: *"Dimo se esconde atrás da esquina"* (SOARES, 1998, p.45).

Neste romance, que aborda mais de meio século de história, fazendo desfilar vários personagens e fatos históricos, é evidente que Jô Soares não estava pensando em fazer a discussão histórica sobre o fato do suicídio de Vargas (o qual foi colocado em dúvida por alguns defensores da teoria da conspiração[1]), mas sim situá-lo em uma trama absurda e divertida contada neste livro. E esta trama envolve vários outros fatos históricos e personagens com os quais o personagem interage. Todavia, se Jô Soares, mesmo demonstrando um sólido conhecimento histórico, não tem evidentemente interesse em discussões historiográficas deste tipo, sua obra enseja e se abre para muitas possibilidades de reflexão que os historiadores fazem sobre relação entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional, todas duas literárias, como já tratei no capítulo *Narratividade, memória e história: a literatura confidencial de Henry Miller*. E para um leitor comum, não historiador, e desconhecedor dos fatos ali tratados, fica a dúvida sobre se vários episódios ali narrados ocorreram de fato, e o que é invencione ou não de Jô. Com certeza, não haverá para este leitor nenhuma reflexão historiográfica mais profunda, a reflexão sobre a recepção dos fatos históricos por parte do historiador, ou a interpretação ou construção desses fatos na produção do conhecimento histórico, a importância a eles atribuída pelos historiadores. Isto evidentemente não interessa para o romancista criando sua ficção com o fito de entretenimento, navegando de maneira literária e divertida pela história.

[1] A teoria da conspiração referente a um suposto assassinato de Getúlio Vargas refere-se aos seguintes fatos: *"Na manhã de 24 de agosto, ouviu-se um disparo. Os familiares do presidente o encontraram agonizante em seu quarto, com meio corpo para fora da cama. Uma bala acertou o coração de Vargas pelo lado esquerdo, de baixo para cima, mas o revólver estava perto do braço direito – posição improvável para um suposto suicídio. Ao lado do cadáver, havia uma carta datilografada, repassada à imprensa como uma despedida oficial (é o famoso texto "saio da vida para entrar na história"). Porém, Vargas não sabia datilografar. José Soares Maciel, redator dos discursos do presidente, explicou que ele lhe havia entregue um manuscrito e que a mensagem não era uma despedida, mas um manifesto de um chefe de governo que provavelmente morreria lutando com os militares. No dia seguinte, o periódico O Radical estampou uma foto de Vargas morto com a manchete: "Este homem foi assassinado". Dois meses depois, o jornal – que era da família de Rodolfo de Carvalho, admirador pessoal do presidente, e era financiado por grupos pró-Getúlio – fechou as portas. Em entrevista em 2012, a ex-vedete (atriz do antigo teatro de revista) Virgínia Lane deu sua versão. Amante de Vargas por 15 anos, ela disse que estava com o presidente na cama quando ele foi alvejado por capangas de Carlos Lacerda. Ela explicou que precisou fugir com Gregório Fortunato. Na época, Virgínia também anunciou a conclusão de um livro sobre o assunto, mas a obra nunca foi publicada. Gregório Fortunato, preso durante as investigações do atentado a Carlos Lacerda, também foi silenciado repentinamente. Em 1962, prestes a receber liberdade condicional por bom comportamento, ele foi esfaqueado até a morte por outro detento. O ex-segurança pessoal de Getúlio Vargas tinha dito que estava escrevendo um diário – que, no entanto, jamais foi encontrado"* (Superinteressante, https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-getulio-vargas-foi-assassinado). Acessado em 13 de fevereiro de 2021.

Esta radicalização criativa do autor ao imiscuir personagens reais em contextos históricos diferentes dos contextos nos quais viveram só pode ser realizada, evidentemente, por escritores de ficção. Um historiador jamais faria isto em seu *métier*, mas o escritor de ficção tem toda esta liberdade de utilizar-se deste artifício para seus objetivos, sejam humorísticos, sejam para reflexão, ou para o que seja. Lembrando que para muitos teóricos a história, por ser uma narrativa literária, também não se diferencia da literatura, sendo um artefato literário (WHITE, 1994). Mas para outros teóricos e historiadores ela é, com certeza, também um gênero literário, mas, mesmo a narratividade, a trama da narrativa sendo urdida pelo historiador ao construir sua narratividade (VEYNE, 1970), a história tem o compromisso com a verdade, seja ela uma disciplina científica ou não; portanto, um gênero não ficcional, embora a narratividade do passado seja construída no presente do e pelo historiador. O historiador José D'Assunção Barros reforça esta ideia, ao tratar da visão de Paul Ricoeur sobre a complexa questão da narrativa em história depois da crítica dos Annales e do estruturalismo à história preocupada com narrativa meramente fatual, inclusive discutindo a relação entre narrativa histórica e narrativa literária:

> Será preciso destacar aqui que, se a concepção de narrativa histórica proposta por Paul Ricoeur apresentou-se em termos de um confronto em relação às pretensões de 'rejeição da narrativa' pela história estrutural, que ainda passava por ser dominante nos meios historiográficos franceses, por outro lado, o filósofo francês também guardou uma distância em relação às propostas historiográficas pós-modernas que vinham se fortalecendo na década de 1980. Seu cuidado especial foi o de demonstrar a especificidade da narrativa historiográfica frente à narrativa ficcional, e não de confundir essas duas modalidades narrativas, essa alternativa que na época já surgia como um dos discursos historiográficos da pós-modernidade. Distanciado em relação a esta posição que não se incomodava em confundir História e Ficção, Ricoeur empenhou-se mostrar que uma das singularidades da narrativa histórica era a de também se apresentar como um discurso cuja intencionalidade apontava para um referente real (ou existente) do passado (BARROS, 2014, p.214-215).

A obra autobiográfica de Jô Soares, os dois volumes, *O livro de Jô: uma biografia desautorizada*, a qual foi amplamente utilizada na confecção deste artigo, contribui para uma melhor compreensão do que pensa o autor sobre a relação ficção, história e humor. Diferentemente de Henry Miller, que inventava e dava versões diferentes dos mesmos fatos, recontados várias vezes, escrevendo o que se denominou de romances biográficos, mas nunca dando os nomes verdadeiros aos

personagens reais de suas histórias (ver artigo sobre Henry Miller neste livro), Jô Soares, em seus dois volumes autobiográficos, ao narrar os fatos sob sua ótica de humorista e memorialista, dá o nome das pessoas, salvo em alguns casos que ele prefere omiti-los. Conta, com seu humor peculiar, fatos inclusive escabrosos, muitos dos quais ligados ao aspecto coprológico, sobre pessoas conhecidas, e muito conhecidas, por sinal, e nomeadas (aspecto coprológico que há também no romance *O Xangô de Baker Street*, por exemplo, uma comprometedora dor de barriga de Sherlock Holmes). Porém, sua autobiografia desautorizada, evidentemente, não se trata de uma obra que tem pretensão de ser literatura ficcional, diferente de seus romances, mas relatos da memória autobiográfica de Jô Soares, alimentando a expectativa dos leitores de que ele está narrando fatos reais, e, de fato, está. Jô Soares tece importantes reflexões sobre a relação entre memória e o trabalho do biógrafo ou mesmo do historiador:

> Escrever memórias tem dessas coisas, a gente fica numa zona nebulosa e incerta sobre o que foi que realmente aconteceu na vida das pessoas, sobre o que elas contavam sobre a sua própria vida, sobre o que os outros contavam sobre a vida dessas pessoas e sobre o que recordamos de todas essas versões, muitas vezes conflitantes. A diferença entre a memória e o trabalho do historiador e dos biógrafos, que precisam comprovar o que realmente aconteceu – e o que realmente aconteceu pode permanecer escondido em algum desvão da história – é que elas podem ser muito amplas, incluindo o fato e suas imensas possibilidades (SOARES, 2017, p.309-310).

Poderíamos dizer que a memória autobiográfica de Miller foi o mote para a literatura; e a memória de Jô Soares tratou o mais próximo possível da veracidade dos fatos narrados, fatos narrados com sua verve humorística. E o próprio Jô Soares reflete sobre a questão do humor na percepção da realidade, como esta é vista pelo olhar satírico do humorista, que a distorce, deforma, trazendo elementos não evidentes para o olhar comum das pessoas, quedadas na normalidade aparente dos fatos:

> Normalmente, o caricaturista pega uma ou duas características do rosto de alguém e as exagera, como se usasse os chamados “espelhos mágicos” de parque de diversões, que distorcem as proporções do corpo de quem se mira neles. O humorista faz a mesma coisa; vê os fatos através de uma lente de aumento deformadora, a qual expõe detalhes não perceptíveis ao olho nu das pessoas. Parodiando o autor de máximas vienenses Karl Kraus, eu diria que o

> humorista nunca diz a verdade: ou ele diz meia verdade ou ele diz verdade e meia. (SOARES, 2018, p.86).

Na sua obra autobiográfica, Jô Soares conta que o livro *O homem que matou Getúlio Vargas* nasceu de uma conversa com o editor Luíz Schwarcz, que, inclusive *"deu o título do romance".* Assim o autor comenta esta obra:

> *O homem que matou Getúlio Vargas* (lançado em 1998) conta a história do anarquista Dimitri Borja Korozec, nascido na Bósnia com seis dedos em cada mão. Filho de mãe brasileira, ele sai pelo mundo praticando atos terroristas trapalhões. Na pesquisa, enquanto escrevia, cheguei a ler cerca de oitenta livros e fui até o café onde o Jean Jaurés foi assassinado, em Paris, em 1914. (...) o escritor Tim Sullivan disse que era preciso criar o gênero "ficção-picaresca-pastelão-mágica-realista-histórica", se se quisesse classificar o livro. Além de elogiá-lo, o resenhista também chamou a atenção pra um aspecto muito importante nos meus livros: as ilustrações. Enquanto escrevo, me vêm à cabeça imagens – fotos, desenhos, pinturas – como complementos visuais das palavras. No caso do *Homem que matou...*elas são fundamentais pra dar a ilusão de que o anarquista realmente existiu (SOARES, 2018, p.255).

Jô Soares utiliza várias vezes o artifício de colocar o seu personagem anarquista, Dimitri, que estudou em escola de assassinos na Sérvia, na iminência de matar algum vulto histórico real, ao lado do verdadeiro assassino histórico. E seu personagem nunca consegue executar suas tarefas homicidas, muitas vezes devido a ser desajeitado. Porém, não foi por causa de ser desajeitado que falhou quando tentou matar o socialista francês Jean Jaurés (1859-1914), o qual, tendo convicções pacifistas, fez com que Dimitri visse nele uma ameaça ao anarquismo, pois, segundo o anarquista sérvio a Primeira Guerra Mundial levaria o mundo ao caos e à vitória do anarquismo político. Desta vez ele falhou porque o assassino real do socialista, Raoul Villain[2], fora mais rápido no gatilho do que ele em entregar o bolo envenenado para Jaurès, que ele sabia ser um glutão.

Mas o terrorista de Jô Soares foi o assassino involuntário, causador da pandemia de febre espanhola, que levou à morte milhares de brasileiros, inclusive o presidente Rodrigues Alves. Jô explica que Dimitri pegara o germe *"de um batalhão de soldados americanos de Kansas City, com quem ele confraternizara em Bolonha"*,

[2] Raoul Villain (1885-1936) era partidário do revanchismo francês contra a Alemanha, participando de grupos nacionalistas, que viam na guerra, com uma possível vitória francesa, a reconquista da Alsácia-Lorena, que os franceses haviam perdido com a derrota franco-prussiana de 1870.

mas que *"devido ao período de incubação, todos atribuem erroneamente a 'influenza' à chegada dos marinheiros espanhóis recém-embarcados"* (SOARES, 1998, p.171). Jô Soares explicando, portanto, a origem do termo gripe espanhola.

Jô Soares também se refere em *O Xangô de Baker Street* ao analfabetismo da população brasileira naquele período, quando Sherlock Holmes questionou o italiano Peruggio, consertador de instrumentos musicais, por que ele deixara *"um violino tão precioso ao alcance do maganão"*, ao que o italiano respondeu: *"Sr. Holmes, sei que aqui roubam de tudo: comida, botas, vestimentas, até cavaquinhos, mas nunca imaginei que esses iletrados fossem roubar um violino"* (1995, p.144). Esse Sherlock Holmes, que teve piriri após comer vatapá misturado com feijoada, que era virgem, mas apaixonado por uma bela mulata nos trópicos, e, por causa do calor, no lugar de ternos pretos, como se usava, foi ele que lançou a moda do terno de linho branco, o que espantou as pessoas, entre as quais o seu alfaiate, porque, segundo este, *"ninguém que seja de qualidade usa disso por aqui"*, pois era *"coisa do para o zé-povinho"* (SOARES, 1995, p.183-184). Nesse sentido, Jô Soares trata da mania de imitar os costumes europeus, até no trajar, e demonstra a diferenciação social que existia na época até na forma de trajar. Mas fica uma ideia do atraso de uma população sempre pronta a mimetização em relação à cultura europeia.

Esta ideia da população brasileira atrasada culturalmente (num uso elitista e nada antropológico da palavra cultura) vem de longe, inclusive até em autores marxistas, que procuraram valorizar o povo como personagem central da história, como por exemplo, os clássicos Emília Viotti e Caio Prado Júnior. O historiador José Carlos Barreiro, num belo artigo, *E. P. Thompson e a historiografia brasileira*, utilizando-se da importância que o historiador inglês Thompson deu à questão da cultura, demonstrou como os historiadores brasileiros cometeram erros etnocêntricos cruciais. Sobre Caio Prado Jr. disse o autor:

> ...em seu *A formação do Brasil contemporâneo*, sobre os elementos desfavoráveis da escravidão na América lembra este autor que o escravo na escravidão antiga, era culturalmente mais elevado que os seus conquistadores, enquanto aqui *"foram, eles, os indígenas da América e o negro africano, povos de nível cultural ínfimo, comparados aos de seus dominadores"* (BARREIRO, 1995, p.61).

Segue o autor, Barreiro, citando mais tropeços etnocêntricos de Caio Prado Júnior, além desses *"povos de nível cultural ínfimo"*, referindo-se a negros e índios. A

respeito do etnocentrismo de Emília Viotti, no livro *Da monarquia à república; momentos decisivos*, o autor cita trechos da historiadora se referindo a *"a população inculta e atrasada"* que *"não chegara a tomar conhecimento das novas doutrinas"*, ou seja, das ideias iluministas da Europa. José Carlos Barreiro reflete bem sobre o que *"mereceria ser debatido no texto é também a concepção de cultura de Emília Viotti, principalmente nas referências feitas ao analfabetismo e à população inculta e atrasada"* (BARREIRO, 1995, p.63).

Isto não quer dizer que Jô Soares está corroborando estas ideias etnocêntricas. Em seu livro de ficção, apenas colocou na boca de um personagem italiano seu juízo sobre os brasileiros, iletrados, ao falar para um inglês, este Sherlock nos trópicos, que aprendeu português em Macau, China, com um cientista português. Porém, não posso deixar de assinalar que estes juízos, se foram reproduzidos até por eminentes historiadores, ganharam o senso comum, alcançando os próprios brasileiros, que, não raro, se viram e se veem inferiorizados culturalmente. Jô Soares, usando de seus personagens, não deixa de fazer observações sobre o costume brasileiro – provavelmente por este sentimento de inferioridade entranhado na 'alma' das elites e do povo – de copiar a cultura europeia. Sherlock indaga sobre os trajes brasileiros *"por que os homens todos se vestem de preto, à europeia, num país tropical"* (1995, p.175). Aí o autor cita que este costume de *"copiar os coletes e as pesadas sobrecasacas dos climas frios era motivo de espanto e chacota por parte dos visitantes e até 'O Mequetrefe*[3] *já fizera charges criticando esta mania"* (SOARES, 1995, p.175). Vimos então o apoio que Jô Soares buscou num pasquim humorístico, o qual fazia várias sátiras à política e a elementos da realidade da época.

Em *O homem que matou Getúlio* Vargas, para acompanhar, portanto, a saga de Dimitri Borja Korozec, desde o primeiro atentado, que seria em Sarajevo contra o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando, em 1914, episódio que foi a gota d'água que detonou a Primeira Guerra Mundial, Jô Soares, então, tem que incursionar por vários fatos históricos realmente ocorridos. Fatos históricos nos quais que ele insere seu protagonista trapalhão. Devido a suas pesquisas históricas e tão bem caracterizadas no texto, alguns críticos, embora elogiando o trabalho, criticaram seu

[3] *O Mequetrefe* foi um importante jornal brasileiro, republicano, que existiu nos anos finais da monarquia brasileira, entre 1875 e 1893. Uma de suas características eram as charges em que os humoristas brasileiros tinham D. Pedro II como um de seus principais alvos satíricos (TAVORA, 1975).

enciclopedismo e didatismo. Mas penso que para um livro que tem esse interesse em brincar com a história, esse enciclopedismo e o didatismo acentuados pelos críticos só o tornam mais interessante. Mas temos que lembrar também quo o autor capta os elementos da cultura popular, misturando com os elementos de sua rica pesquisa erudita, o que lembra Rabelais, segundo Bakhtin (1994). Este autor utiliza o conceito de carnavalização para tratar da cultura popular, transgressora de valores que estão presentes nos romances satíricos de François Rabelais, *Gargântua* e *Pantagruel.* Esses livros de Rabelais são denominados por Bakhtin de realismo grotesco, com sua característica de rebaixar objetos e conceitos considerados superiores, em prol de uma visão popular crítica e satírica. Jô Soares usa a história em sua visão tradicional, inserindo elementos satíricos, tanto provenientes de uma cultura erudita, como da cultura popular.

Voltando a *O homem que matou Getúlio Vargas,* como o personagem Dimitri tinha seis dedos em cada mão, dois indicadores em cada uma delas (por isso, nos Estados Unidos, foi lançado com o título *Twelve Fingers*), foi isso que o atrapalhou na hora de engatilhar para dar o tiro no herdeiro do trono austríaco; e era da organização pan-eslavista *União ou Morte*, também conhecida como *Mão Negra,* que existiu realmente e cujo autor do assassinato de Francisco Ferdinando, Gravilo Principe, pertencia a ela. Dimitri, que era filho de um membro da seita *Poluskipszi* (Meio-Castrados), organização cujos componentes deviam tirar o testículo direito para que jamais se tornassem direitistas, entrou na organização *Mão Negra,* e já com a missão de assassinar o arquiduque, juntamente com outros terroristas que iriam tocaiar sua presa. Dimitri, falhando no seu intento, ainda viu o tiro de Gravilo acertar o arquiduque. Lembrando, como conta Jô Soares sobre o lançamento de seu livro em vários países, a publicação na Sérvia, *"onde as aventuras de Dimitri se iniciaram",* teve o título *O homem que não matou Francisco Ferdinando* (SOARES, 2018, p.255).

Jô Soares conta como lhe veio a ideia de escrever *O Xangô de Baker Street*, o seu primeiro romance, aproveitando-se de personalidades reais que vinham sempre ao Brasil, como a atriz Sarah Bernhardt, e transferindo personagens fictícios e reais (como Sherlock Holmes) da Europa para o Brasil e dando um tratamento fictício também para os personagens históricos locais, como Dom Pedro II e Luís Gama. Uma mistura muito feliz de ficção com personagens históricas.

> Eu adoro as histórias da atriz francesa Sarah Bernhardt: além de ter sido uma das primeiras celebridades internacionais do teatro, ela levava uma vida verdadeiramente livre, deitando-se e simulando a própria morte, indo à praia de Copacabana quando às mulheres não era permitido fazer isso, caçando jacarés na América do Sul. Em Paris andava com um leão fedorento. O cheiro de urina do animal afastava as visitas de sua casa. Sarah esteve no Brasil por três vezes, em 1886, 1893 e 1905, e em cada uma delas sua chegada provocou um alvoroço no cais do porto, renovando nos moradores do Rio de Janeiro a sensação de estarem integrados às principais metrópoles do mundo. Na primeira vez, aos 41 anos, ela fez 24 apresentações divididas entre várias peças, entre elas *A dama das camélias*, um de seus estrondosos sucessos. Dom Pedro II assistiu a todos os espetáculos. Um dos meus personagens favoritos era Sherlock Holmes, criado por sir Arthur Conan Doyle. Um dia, tive um estalo, dessas ideias que nascem prontas: a história de um crime cometido em uma das passagens de Sarah pelo país, no Segundo Reinado, cuja solução requeria a presença do detetive Holmes no Brasil (SOARES, 2018, p.242).

Para a elaboração deste livro, que necessitava de pesquisas históricas, Jô Soares, além de agradecer ao editor Luiz Schwarcz, da Editora Companhia das Letras, a sua grande contribuição, contou com a ajuda do jornalista e escritor, Fernando Morais, e com a ajuda também da mulher do editor, a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz, que lhe *"deu dicas preciosas sobre a vida duríssima dos escravos e sobre o Segundo Reinado"* (SOARES, 2018, p.244), como ele nos conta em sua autobiografia desautorizada. Assim, amparado com a base histórica necessária, o autor segue em sua brincadeira literária pela história. Na verdade, Jô é um pesquisador infatigável, como ele mesmo explicou em sua autobiografia:

> Às vezes, passo dias ligando para amigos e até para pessoas que não conheço a fim de checar uma história, me certificar se o que minhas recordações cochicham em meus ouvidos está correto. Quando estou escrevendo um livro ou roteiro, desenvolvendo um personagem, começando a montagem de uma peça, o momento que me dá mais prazer é o da pesquisa (SOARES, 2017, p.30).

No segundo volume de sua autobiografia, nosso autor faz uma interessante distinção entre mistério e suspense, comentando o fato de um crítico espantar-se que, no romance *As esganadas*, o *"serial killer que mata mulheres gordas loucas por doces portugueses"* é revelado logo no início. Aí o autor distingue mistério de suspense; segundo ele, no mistério, o criminoso só é revelado no final; já no suspense, *"você coloca o vilão logo no início, pra contar a história dele e seus motivos"* (SOARES,

2018, p.260), invocando inclusive filmes de Alfred Hitchcock, que também fazem isto. Eu acrescentaria a ótima série televisa, *Columbo*, que fez sucesso entre os anos 1968 e 2003, com o autor Peter Falk (1927-2011) fazendo o papel do investigador, cujos episódios, invariavelmente, começavam com um assassinato, escancarando o assassino para o telespectador – a trama sendo então como Columbo, que não usava armas, usando só de raciocínio, descobriria o criminoso. Mas voltando a Jô Soares, ele afirmou categoricamente que seus livros *"transitam entre o crime, o serial killer, o romance policial e o suspense"*, acrescentando que *"o humor, os detalhes históricos, as construções muitas vezes feitas com inspiração no cinema ou nas histórias em quadrinhos estão a serviço da estrutura básica de um universo ficcional marcado por estas características"* (SOARES, 2018, p.259-260).

Aqui cabe uma observação do papel do historiador comparado com a atuação investigativa dos detetives, indo atrás de indícios, de vestígios deixados com o fito de reconstruir os fatos na produção do conhecimento, quando então há toda uma problematização, levantamento de hipóteses, o trabalho heurístico referente as fontes e sua interpretação. Mas há também uma diferença enorme. Se nas obras artísticas, literárias ou fílmicas, o investigador chega, geralmente, à verdade, a partir dos indícios e com seu raciocínio, descobrindo o criminoso ou suas motivações, o historiador, a partir de sua subjetividade, mesmo em busca da verdade histórica, traz à tona, principalmente, é sua visão da história, sua interpretação, o que não quer dizer que ele esteja inventando alguma coisa. Interessante pensar como na ficção, quando o autor tem a liberdade de criar, de inventar, a verdade contida naquela história fictícia geralmente é elucidada; e com a história, quando o historiador tem o compromisso com a verdade, esta, muitas vezes, confunde-se com a sua interpretação histórica. Evidentemente não havendo então, na produção historiográfica, a "mentira" da ficção, pois como disse o professor da UFG, Juarez Barbosa, em sala de aula, quando eu fazia meu curso de graduação: *"Historiadores não mentem, mas mentirosos contam história"*. Jô Soares seria um belo mentiroso no seu processo criativo, assim como todo bom ficcionista que cria seus personagens utilizando-se da história.

A historiadora Sandra Jathay Pesavento, invocando a história cultural, rechaçando a questão da pura veracidade dos fatos históricos, em prol do conceito de representação na história, afirmou que a literatura não deve mais ser tratada pelos historiadores apenas para ilustrar seus argumentos e nem ser apenas fontes, mas a narrativa literária também deve ser tratada como história e essa, evidentemente, para

ela se trata de uma narrativa literária também (PESAVENTO, 1998). Isto é corroborado pela reflexão de Paul Veyne de que o historiador constrói sua narratividade com um quê de arbitrário, procurando criar nexos em sua intriga, na trama narrada por ele, às vezes com inconsistência e abordando de maneira incoerente o tempo histórico, pois muitas vezes um século é sintetizado em três páginas e para um dia o historiador utiliza, às vezes, de dezenas e até centenas de páginas. (VEYNE, 1971). Essa questão da narrativa histórica, os *Annales* procuraram solucionar com a referência de uma história problematizante no lugar da história fatual, mas, sem dúvida, o que fizeram, segundo alguns críticos, foi tecer uma nova forma de narratividade, mesmo que numa perspectiva problematizadora e com novas formas de narratividade e não meramente cronológica de eventos. (BURKE, 1992). O historiador inglês Peter Burke sugere que é preciso superar a oposição dicotômica 'estruturalista", que quer negar os eventos e, consequentemente, a narrativa daquilo que na história tradicional era chamado de *histoire événementielle,* e a história tradicional apegada ao fatual, não aceitando a visão estruturalista. Burke diz que foi necessária a revolta contra a história fatual como era feita e os adeptos de uma história de narrativas de fatos criticaram a visão estruturalista como determinista e reducionista. Porém, o que se convencionou chamar de retorno da narrativa, segundo Burke, deve levar em conta as novas formas de narração da história, que envolve a micro-história, a história relacionada à narrativa literária, relacionar fatos e estrutura e *"a narrativa de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos"* (BURKE, 1992, p.347).

Na sua ficção, que mescla personagens reais, recontextualizados, com os fictícios, Jô Soares arrumou um lugar até para seu pai, Orlando Heitor Soares, o Garoupa, como era apelidado. Citou-o no livro *Assassinatos na academia brasileira de letras,* quando narrava o fato do detetive Machado, à procura de informações, frequentar o *Lamas*, restaurante que realmente existiu, o qual era frequentado por intelectuais, artistas, estudantes, pessoas à toa, e que nunca fechava. O Garoupa, em 1924, ano em que se desenrola a trama dos assassinatos na academia brasileira de letras, foi o porta-voz neste romance de um fato real interessante a respeito do *Lamas*: "Suas portas não fechavam nunca. Um dos boêmios assíduos, o Garoupa, contava que dois anos antes, por ocasião da revolta dos tenentes, foi impossível baixar a grade

de ferro que protegia o local. Estava emperrada por falta de uso (SOARES, 2005, p.38).

Nosso autor, ao tratar do Envenenador (cuja identidade só é revelada ao final do romance), o suposto assassino dos imortais da ABL, fazendo um retrospecto como pertencente à seita dos envenenadores, *Veneficorm Secta*, reproduziu e endossou a história de que Mozart fora envenenado pelo músico Antonio Salieri, devido ao ciúme e inveja deste em relação ao grande compositor austríaco. O objetivo de Jô Soares era explicar a existência da seita e aí detalha a ação dos envenenadores, tratando do veneno *Mucor phycoycetes*:

> ...um fungo indiano cujas sementes, diluídas em água quente e administradas como chá, aderem as paredes da faringe, crescendo rapidamente. Em três semanas atingem os pulmões, infiltram-se nos alvéolos, sufocando pouco a pouco a vítima, numa lenta agonia (SOARES, 2005, p.176).

Aí não há como deixar de fazer uma observação. Há uma diferença entre mesclar personagens reais com os da ficção e até atribuir atitudes fictícias para os personagens reais, desde que se saiba que neste caso é tudo ficção, como ele fez com Fernando Pessoa, no romance *As esganadas* e Sherlock em *O Xangô de Baker Street.* Porém, mesmo num livro de ficção, os relatos contados como se realmente fossem verdadeiros, de fatos contestáveis, também devem ser contestados ou problematizados pelos historiadores. E essa história de que Salieri foi quem levou à morte o compositor Mozart foi várias vezes questionada[4] e Jô, aí aliando o que tomou pela realidade como sua ficção, esmerou nos detalhes do envenenamento. No filme *Amadeus*, de Milos Forman, há essa versão de que Antonio Salieri levou Mozart à morte, no que ele foi bastante criticado, apesar de ser uma ficção. No romance de Jô Soares, que é rico em explicações eruditas, Mozart não é personagem. Só é invocado o relato de sua relação com Salieri, tratado como fato histórico, para dar o suporte da

[4] Cientistas se dedicaram a examinar a causa da morte de Mozart, em 1781, como a revista *Annals of Internal Medicine*, tratada no site bbc.newsbrasil, explicou: Mozart foi acometido *"de infecção bacteriana na garganta, que, segundo os especialistas, tinha afetado os rins do compositor, levando ao inchaço geral do corpo e à sua morte".*A revista também disse que *"os cientistas analisaram mais de 5 mil casos entre 1791 e 1793, e descobriram que o edema (inchaço provocado pelo acúmulo de fluidos sob a pele) era a terceira maior causa da morte na época após a tuberculose e a desnutrição".* Este edema pode ser provocado por várias causas, inclusive o envenenamento. Mas Salieri teria envenenado toda essa gente?

trama da família de envenenadores. Isto é diferente de quando ele, no livro *As esganadas*, narra o fato real quando o poeta Fernando Pessoa, em 1930, teve um estranho encontro com o mago inglês, Aleister Crowley (1875-1947). Aí Jô Soares narra o episódio realmente ocorrido, embora meio nebuloso, de como Fernando Pessoa ajudou o mago ocultista Aleister Crowley a simular seu suicídio. Só que, no romance, Fernando Pessoa foi ajudado a se safar desse imbróglio pelo personagem criado por Jô Soares, o investigador Tobias Esteves, e esse investigador, descoberto e desacreditado por isto, embora fosse muito eficiente, teve que deixar Portugal e vir para o Brasil, onde então passa a investigar o caso das esganadas. Este personagem fictício é o Esteves do famoso poema *Tabacaria.* Ora, aí tudo é engraçado, e a mescla do fictício com o real é válida porque o leitor sabe que Jô Soares constrói seus romances misturando personagens e fatos reais à sua trama fictícia. Mas quando pretende relatar o que seriam fatos realmente acontecidos, para os quais há várias versões, Jô Soares, ao misturá-los em sua trama, não teve o cuidado de que não ficasse para o leitor a ideia falsa ou duvidosa sobre determinados personagens históricos, como no caso de Salieri, cuja memória acaba sendo vítima de uma versão contrária a ele, tal como também ficou no filme *Amadeus*. E Jô Soares a reproduz.

Todavia, estas colocações não cabem no relato fictício no livro *As esganadas*, cujo desenvolvimento da história se dá em 1938, véspera da Segunda Guerra Mundial e ano do nascimento de Jô Soares. Nesse caso, o autor criou uma trama em que os alemães nazistas (que tinham simpatia e afinidade política por parte de muitos membros do governo de Vargas, e, quiçá, do próprio Vargas) transferem um problema para os brasileiros. Este problema é relativo a um cantor de ópera, baixo barítono, que, ainda no navio alemão que chegava ao Brasil, ter passado mal, com botulismo e teria de ser substituído. Aí o humor de Jô Soares dá uma estocada no Departamento de Propaganda e Difusão Cultural do Estado Novo, quando ele disse que, com essa transferência de responsabilidade, instalou-se o pânico do DPDC, pois *"seus servidores estão mais acostumados a perseguir a cultura do que a difundi-la"* (SOARES, 2011, p.169).

A década de 1930 foi bastante destacada por Jô Soares nos romances *O homem que matou Getúlio Vargas* e *As esganadas;* neste a ação se passa sobretudo em 1938 (ano do nascimento do autor).

Um episódio da história brasileira da década de 1930, narrado pelo jornalista Fernando Morais em seu livro *Olga* e também no livro autobiográfico de Jô

Soares, já houvera sido abordado pelo autor no seu romance *O homem que matou Getúlio Vargas*, quando ele trata da prisão, em 1935, dos comunistas estrangeiros Arthur Ewert e Elise Saborovsky. Este casal viera para o Brasil para participar da insurreição comunista que ficou conhecida como Intentona Comunista, assim como Olga Benário, que, com o mesmo objetivo, também havia vindo, acompanhada por Luís Carlos Prestes. Jô Soares relata o acontecimento e a fuga de Olga, que, naquele momento da prisão do casal, não fora presa. Porém, no livro de ficção, introduz no episódio a figura de Dimitri, o qual pensou que estava acontecendo um assalto seguido de um sequestro e, sem saber, tentara impedir a prisão de Arthur Ewert e sua esposa Elisa Saborovsky, dois importantes membros do Komintern enviados por Moscou para ajudar na revolução no Brasil. (SOARES, p.229). Dimitri foi preso e a polícia de Filinto Miller não acreditou na sua história de que pensara que era um sequestro, mas os torturadores deixaram-no de lado, pois *"havia presos mais importantes para torturar"* (SOARES, p.231).

Assim, Dimitri participou de inúmeros fatos da história do século XX. Antes de aportar no Brasil, participara até do bando de Al Capone e convivera com George Raft[5], um personagem real, mas que se tornara um amigo de Dimitri no livro de Jô, e que dissera a Dimitri sobre os mafiosos, ao convidá-lo para integrar o bando:

> ...homens que vivem do crime. Destroem mais as instituições do que qualquer anarquista com uma bomba. São a verdadeira ameaça ao sistema. Não respeitam a ordem, não pagam impostos e fazem suas próprias leis com uma 45 ou uma submetralhadora (SOARES, 1982, p.182)

Desta forma, com sua ironia e criatividade peculiares, Jô Soares, que inclusive inventou e representou vários personagens que faziam sátira à política e sociedade nos programas televisivos e nos seus shows humorísticos, consegue introduzir o personagem Dimitri nos vários fatos da história e desferir ferinamente críticas às ideologias e práticas de direita e de esquerda, embora, evidentemente, como já ficou claro, não seja este o propósito de seus livros.

[5] George Raft (1901-1980) foi um ator estadunidense que fez vários papéis de gângsteres, inclusive em *Scarface: vergonha de uma nação*, filme de 1932, dirigido por Howard Hawks.

Considerações finais

É claro, que como humorista, escritor de ficção, Jô Soares abusa de contar casos históricos à sua maneira. Ele narra em *As esganadas* e também em *O homem que matou Getúlio Vargas* um episódio histórico que por si só já é um quadro de humor. Trata-se da tentativa quixotesca do golpe integralista em 1938, quando o *putsch* fracassou, sendo um dos motivos o fato de os integralistas lembraram-se de cortar todas as linhas telefônicas do Palácio Guanabara, mas se esqueceram de uma, a linha direta com a Chefia da Polícia, além de outros fatos dignos de uma república das bananas, como ele narra em autobiografia:

> O chamado Putsch Integralista – que contou com o apoio de outras correntes liberais antigetulistas – poderia ter tido seu roteiro filmado por Carlos Manga na época das chanchadas da Atlântida. Os revoltosos cortaram as comunicações do Guanabara, mas se esqueceram da principal: a linha direta entre o palácio residencial e o do Catete. Os golpistas que ficaram de prender o ministro da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, não o reconheceram, pois ele estava em trajes civis; diz a lenda que chegou de pijamas ao Guanabara e pilotando uma motocicleta (SOARES, 2017, p.34).

Jô Soares se deleitou com esse fato que, além de narrá-lo na sua autobiografia, insere-o também nos dois romances, *As* esganadas e *O homem que matou Getúlio* Vargas, incrementando na narrativa ficcional seu humor corrosivo, misturando os personagens reais aos fictícios. Também é muito divertido como ele conta, em *O Xangô de Baker Street*, o surgimento da caipirinha, inventada pelo companheiro de Sherlock Holmes, o médico John H. Watson, que, estava preocupado com o famoso detetive passar mal tomando a aguardente pura. Aí tudo é brincadeira e não há nenhum comprometimento com versões da história, com a historiografia. E, para um escritor ficcionista, também o que importa isto?

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais.* Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1994.

BARREIRO, José Carlos. *E. P. Thompson e a historiografia brasileira:* revisões e projeções. Projeto História, SP, (12), outubro 1995, p.57-75.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História:* acordes historiográficos - uma nova proposta para a teoria da história. Vol.4. Petrópolis: Vozes, 2011.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história:* novas perspectivas. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.327-348.

LIMA, Luiz Costa**.** A narrativa na escrita da história e da ficção**.** In: *A aguarrás do tempo*: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MORAIS, Fernando. *Olga.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques *e* PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

SOARES, Jô. *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *As esganadas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *O homem que matou Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O livro de Jô:* uma autobiografia desautorizada. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *O livro de Jô:* uma autobiografia desautorizada. Vol.2. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *O Xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TAVORA, Araken. *D. Pedro II através da caricatura.* São Paulo: Bloch/MEC, 1975.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história.* Trad. Antônio J. da S. Moreira. Lisboa: Edições 70, 1971.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso:* ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Antônio J. da S. Moreira. Lisboa: São Paulo: Ed. da USP, 1994.